

Entrevistadora: Você pode me dizer quais são os valores compartilhados entre os funcionários da Nave do Conhecimento de Nova Brasília?

Entrevistadx

Seria a dedicação ao público, se empenhar para gerar público para participar das atividades. E também comprometimento com o público em geral, né. Porque aqui a gente está em uma área vulnerável, então essa questão de comprometimento com a região é importante ter.

Entrevistadora: E região vulnerável, você definiria como? [trecho suprimido]

Entrevistadora: Você pode me contar uma situação real em que esses valores tenham ficado bem claros ou surgido?

Entrevistadx: A questão de eventos externos que a gente faz. A gente precisa trabalhar mais pra conseguir público. Tanto da população local quanto de outras pessoas de fora, eu acho que vêm aqui pra Nave.

Entrevistadora: quais são os valores mesmo que você falou na primeira pergunta?

Entrevistadx: comprometimento e dedicação. Esses são os principais. A gente precisa ter esse comprometimento e dedicação para poder chamar o público pra cá para os eventos.

Entrevistadora: Eles não querem ir?

Entrevistadx: algumas pessoas sim. Outras pessoas não sabem... por exemplo, o local da nave onde é. Não foi questão de passeio, mas uma vez um aluno se inscreveu num curso e veio aqui, não sabia como é que era e desistiu.

Entrevistadora: mas por causa do local?

Entrevistadx: isso. Exato. Ele era de uma outra região. Não conhecia aqui. E até mesmo pessoas que moram aqui perto não conhecem a nave né. [trecho suprimido]. Algumas pessoas moram aqui há anos e não conhecem a nave. Eu não tenho como dizer se elas não conhecem por falta de interesse delas ou porque elas não passam por essa região daqui, da praça Nova Brasília.

Entrevistadora: Entendi. Porque pode ser que elas passem por outro caminho para trabalhar e tudo o mais....

Entrevistadx: isso

Entrevistadora: Você tem uma foto que tenha tirado dessa situação ou poderia me mostrar uma imagem qualquer que represente essa situação e esses valores?

Entrevistadx: basicamente todo o passeio que a gente faz a gente tem que tirar foto né. A gente faz relatório pra sempre ter registro desses eventos externos. E de alguns eventos

internos também. Por exemplo, o último evento interno que eu me recordo, foi da competição de LOL [League of Legends] dos garotos daqui.

Entrevistadora: Foi externo?

Entrevistadx: no caso foi interno. Dentro da Nave. Depois foi externo. Lá na Nave do Engenhão.

Entrevistadora: Ah... foi tipo uma olimpíada?

Entrevistadx: É. Foi um torneio. Foi feito aqui primeiro, na Nave Nova Brasília. E depois foi feito na Nave do Engenhão com o pessoal de lá, com outros garotos também.

Entrevistadora: Como os valores que você identificou na sua interação com a comunidade afetam o planejamento e a execução das suas atividades na Nave?

Entrevistadx: afeta no tipo de curso e na atividade que a gente vai montar. Porque se for um curso mais puxado assim... geralmente não dá público. Se for um curso mais lúdico, mais divertido, dá público. Um exemplo disso foi o curso que eu tentei abrir aqui duas vezes, que foi de automação com arduíno. Não deu certo porque tinha 5 ou 6 pessoas inscritas, mas realmente vieram duas. Então teve que ser cancelado porque não teve público suficiente.

Entrevistadora: Você acha que quando as pessoas não vão em um curso mais avançado é porque elas são pessoas de uma outra condição financeira ou é porque as pessoas daí não querem assistir cursos mais avançados?

Entrevistadx: creio que haja poucas pessoas interessadas.

Entrevistadora: não tem nada a ver com entrar em Nova Brasília.

Entrevistadx: creio que não.

Entrevistadora: é uma pena não ter público. Mas eu acho também que aos poucos as coisas vão mudando, né? Sei lá.

Entrevistadx: Acho que sim

Entrevistadora: o importante é disseminar a cultura né? Efetivamente dar o curso. Igual você fez: "olha... tem aqui, se quiser..."

Entrevistadx: isso. Exato.

Entrevistadora: Como as suas decisões no seu trabalho dependem dos valores que você identificou? Trabalho em equipe.. trabalho em equipe não né...

Entrevistadx: o trabalho em equipe e o companheirismo também né. Porque falando a questão de qual curso eu vou dar né... depende da grade de horário dos outros professores também. Quais cursos eles vão dar. Pra não ter dois cursos iguais. Então eu deixo pra

montar a minha grade por último, pra ver o que que eles vão montar primeiro, pra eu não dar uma ideia parecida e também por causa da escolha do horário e da sala. Eles têm duas salas disponíveis né. Basicamente. então tem dois turnos né, digamos assim. Que é manhã, tarde e tarde/noite. Então a minha grade fica de acordo com a disponibilidade que eu tenho. Normalmente os meus cursos são à noite, porque eu uso uma sala específica. O do André também é de noite. Mas quando necessário nós fazemos cursos à tarde. E vai depender do que está sendo dado nesse mês pra gente poder escolher.

Entrevistadora: Aí como esses valores se inserem então nisso?

Entrevistadx: no caso a gente conversa né. Entre a gente. Tem sempre uma reunião no mês para decidir quais serão os cursos que serão dados. E nessa reunião a gente conversa e decide qual professor vai dar cada coisa. aí o professor coloca o que vai dar... quais são os cursos que eles vão dar no mês e a gente decide ali em conjunto pra não ter esse impacto de cursos parecidos né.

Entrevistadora: Colaboração né. Trabalho conjunto.

Entrevistadx: isso.

Entrevistadora: fora isso vocês também batem papo, né? Sobre as coisas.

Entrevistadx: fora da reunião sim. A gente conversa sobre os cursos também fora da reunião, né. Mas a reunião é pra acertar com a coordenação e com a supervisão o que vai ser feito no próximo mês.

Entrevistadora: É junto com [suprimido] né? E agora junto com [suprimido] também.

E pra você, com que objetivo as naves do conhecimento foram feitas?

Entrevistadx: Assim... projeto político. Nem vou tocar nesse assunto. Mas uma questão pessoal que eu entendi, é pra dar oportunidade pra quem quer. Pra quem quer mesmo, né. Não é a questão que eu vou ali e vou pegar a pessoa pra fazer um curso porque precisa. Não. A pessoa tem que identificar o que ela quer e ela tem que ter oportunidade pra fazer o que ela precisa, né. E o que ela quer. Então a Nave é um espaço pra isso. Que foi o que quando eu entrei aqui o meu supervisor falou, né. Se a gente conseguir mudar a vida de uma pessoa tá ótimo, porque a gente ajudou uma pessoa de cem, duzentas. É dar oportunidade pra quem não teria lá fora. Porque, por exemplo, um curso de photoshop é 200 reais. E a pessoa fala assim: "Caraca, eu vou dar 200 reais em um curso? Não.". Porque o cada tem outra prioridade, né. Pra gastar esse dinheiro.

Entrevistadora: várias coisas né. Até poder comprar um videogame pra poder jogar, comprar um jogo, ter um computador maneiro pra jogar online. Isso daí a gente sabe que é muito difícil né. É pra muito poucas pessoas, né. Quando eu era criança eu não tinha. A gente tinha um videogame que a gente ganhou num sorteio. Era da minha irmã. Ela não deixava eu jogar. De vez em quando eu jogava, aí eu fiquei viciada logo tiraram também (risos)

Entrevistadx: (risos)

Entrevistadora: Também na nossa época era diferente né. A gente não tinha acesso porque não tinha pra vender mesmo. Era caríssimo né.

Entrevistadx: É verdade.

Entrevistadora: Hoje em dia eu acho que está mais acessível, porém ainda tem muita gente que não consegue comprar né.

Entrevistadx: Sim, sim. A nave dá essa acessibilidade para os usuários. A questão do jogo mesmo. Eu falo aqui com os garotos que na minha época eu não tinha um computador pra eu jogar de graça.

Entrevistadora: Ainda mais criança, né. Que quando tinha computador era para os pais usarem, não deixavam a criança ficar jogando o dia todo...

Entrevistadx: exato. tinha que pagar. Tinha que ir lá no cara para pagar pra jogar uma hora. E aqui não. Eles têm gratuito. Então a nave proporciona isso também. Tirando a questão acadêmica né, a nave proporciona entretenimento pro pessoal daqui que não tem condições de ter. E por isso que entra até a parte que eu falei antes né. Dos cursos mais puxados não darem público. Porque o pessoal aqui, eles já trabalham bastante, já passam bastante dificuldade, e o entretenimento já acaba sendo o mais atrativo pra cá pra nave. As coisas que entretêm acabam sendo as que geram mais público.

Entrevistadora: Você acha?

Entrevistadx: Sim. Sim. Até mesmo o curso de fotografia. Sempre lota. Abriu lota. O curso de informática básica também lota, porque é o básico mesmo. Mas os cursos mais puxados tendem a não ter público.

Entrevistadora: você acha que isso é só aí ou nas outras naves também?

Entrevistadx: é aqui porque eu só tenho vivência daqui. Não tem como eu falar das outras naves, mas essa questão da dificuldade mesmo de gerar público, dependendo do curso, eu creio que seja aqui sim. Devido à região não ser muito colaborativa, vamos dizer assim.

Entrevistadora: O que você acha que pode ser melhorado para que as naves do conhecimento efetivamente comprar o seu objetivo? De ajudar as pessoas, no caso...

Entrevistadx: creio que mais divulgação de alguns cursos né. Por exemplo, aquilo que eu falei né. Aqui tem gente que mora perto e não sabia da nave. Em algumas partes da nave daqui né, não tem essa divulgação necessária, entendeu?

Entrevistadora: você acha que - essa é uma pergunta fora do script - você sabe qual seria uma forma de divulgar assim que atrairia mais pessoas? Diferente da outra que já está sendo feita?

Entrevistadx: eu creio que aumentar a frequência de postagem nas redes sociais.

Entrevistadora: já faz bastante, na verdade...

Entrevistadx: mas no caso seria diária né. Eu não acompanho muito o instagram da nave porque eu tenho que pesquisar sobre os cursos que eu vou fazer. Tenho que montar um curso novo, né. Todo mês. Então eu não tenho muito tempo pra ficar acompanhando. Mas tem a rádio Nova Brasília aqui próximo, né. Seria uma forma de divulgar os cursos da nave também. Mas essa divulgação pela nave é paga. É... pelas redes sociais seria gratuito, no caso.

Entrevistadora: você sabe quanto é o preço pra pagar pra rádio?

Entrevistadx: não. Eu sei que é caro. talvez 300 reais... não sei. Eu estou chutando por alto. Porque eu vejo por aqui que dura uma semana. Eles falam que a propaganda ali é cara, mas não falam o preço, então...

Entrevistadora: eles fizeram para o primeiro workshop de literacia de dados. Eu fiquei super emocionada, mas depois eu pensei: "deve ser carão". Um aluno apareceu por causa da propaganda. Porque funciona.

Entrevistadx: ah sim, propaganda funciona. Essa rua aqui é movimentada. E não é só aqui do outro lado da rua. Vai até lá na UPA se não me engano, essa rádio nova Brasília.

Entrevistadora: uma forma bem antiga de divulgação, a rádio né, mas muito eficiente. Bom, eu vou passar para a segunda parte da entrevista, que é a identificação de potenciais para o trabalho com dados.

Entrevistadora: quais são as atividades da nave do conhecimento Nova Brasília que possuem maior procura/engajamento do público visitante?

Entrevistadx: os cursos de fotografia, informática básica, pacote office. Esses três. Basicamente são os cursos que geram mais público mesmo. Bem, teve agora um curso novo que abriu que foi um curso de audiovisual, que teve bastante gente também. Lotou a sala. Esses cursos mais voltados para a geração de mídia. Cursos básicos pra busca de trabalho são os que mais geram público mesmo.

Entrevistadora: Entendi. A galera então está interessada nos primeiros passos e em certificados importantes para o mercado de trabalho, pelo que eu percebo. Porque eu fiz isso também. Todo mundo faz. Quando é novinho faz o curso de excel pra poder colocar lá no currículo porque todo mundo pede, né. E aí salva a vida da gente porque a gente consegue o primeiro emprego. E assim é a vida. E eu também vejo uma vertente artística indo para a área do design e o audiovisual, que parece uma coisa interessante.

Sobre artesanato, você se lembra quando teve aula, curso de artesanato aí? Como é que era?

Entrevistadx: Eu não cheguei a pegar essa fase da Nave.

Entrevistadora: Então você não reconhece o artesanato como um potencial assim da Nave..., que foi trabalhado durante algum tempo e a galera gostava ... ou você não tem conhecimento sobre isso?

Entrevistadx: Não, não tenho. Eu não tenho vivência, então não tem como eu gerar uma opinião sobre isso...

Entrevistadora: é porque eu tinha essa impressão, mas de fato parece que o artesanato é uma coisa que aconteceu durante um tempo e depois parou de acontecer.

Entrevistadora: quais são as atividades ou tipos de atividades que são mais constantes na nave? São as mesmas?

Entrevistadx: Sim. Fora os eventos externos que foi feito bastante no passado né. Eram passeios para alguns lugares né. Um passeio que foi muito legal e que eu fui duas vezes foi lá no Museu do Amanhã. Teve bastante procura.

Entrevistadora: Aquele que a gente se encontrou no ano passado.

Entrevistadx: é verdade! Isso aí. Verdade. Foi ele e a colônia de férias. Que é pras crianças e ocorre toda vez no final/início do ano, no caso.

Entrevistadora: Eles têm passeio?

Entrevistadx: sim. passeio.

Entrevistadora: Eles vão pra onde?

Entrevistadx: Esse agora vai para a fiocruz.

Entrevistadora: Ah, que legal... mas sempre passeio cultural, né? Não tem passeio só pra...

Entrevistadx: Só pra diversão não. Colocando uma faixa de idade né... pra criança, essas atividades são as que geram mais público. Também tem umas atividades que a gente faz no dia das crianças quando é possível. Tem uns cursos de Lego que a gente tem aqui também. Que inclusive em criança pedindo pra abrir novamente o curso. Algumas atividades as próprias pessoas vêm aqui perguntar se têm e quando vai abrir.

Entrevistadora: O curso de Lego, como é que ele é?

Entrevistadx: No caso seria a robótica de Lego. Nós temos dois kits de Lego aqui. No caso, na primeira parte do curso, eu deixo as crianças livres para brincar com o Lego. Eu explico como ele funciona. A questão da robótica dele. E deixo elas montarem o robô por conta própria umas duas três aulas. Depois disso eu sigo a própria orientação do manual do Lego, que é pra eles verem né. E também para trabalhar a própria questão de seguir instrução pra poder ter um objetivo final. o primeiro curso que eu dei foi assim, o segundo que eu pretendo dar eu também vou seguir essa linha, pra elas terem uma noção de que elas podem brincar, dependendo da atividade que elas estão fazendo, e também na atividade

elas tenham uma certa obrigação. Que não é tudo brincadeira, como essas crianças acham que é aqui na nave.

Entrevistadora: Mas aí vão aprender brincando também, né. É uma coisa séria, mas que estão aprendendo brincando.

Entrevistadx: Eu também não fico muito em cima: “Tem que fazer assim porque está errado..., volta...se não fizer isso não vai fazer mais o curso...”. Não. eu tento manter uma ordem ali, porque tem que ter né. Mas sem cobrar. Porque são crianças. Elas já têm as dificuldades delas fora da nave. Elas não precisam ter as dificuldades delas aqui também né.

Entrevistadora: acho que esta é uma visão muito bonita sua, porque eu vi até nas outras entrevistas, não um comentário específico como o teu, mas essa preocupação também... tipo: “não vamos prejudicar. Tem gente que falta atividade... “não vamos ficar cobrando muito essa pessoa especificamente, porque já sabemos que essa pessoa tem problemas”... é... isso é interessante. Devia ser assim em todos os lugares, né?

Entrevistadx: É verdade.

Entrevistadora: quais cursos são procurados de forma mais contínua pelo público?

Entrevistadx: Fotografia, no caso, o audiovisual agora, que creio que será bastante procurado, informática básica, e os pacotes office.

Entrevistadora: E as criancinhas?

Entrevistadx: qualquer coisa que elas possam brincar. Qualquer atividade que elas entendam que elas vão se divertir, elas vêm aqui pra fazer, entendeu?

Entrevistadora: E elas iriam mais de uma vez em uma atividade que fosse legal? O que você acha?

Entrevistadx: Sim. Com certeza.

Entrevistadora: Por exemplo, você fez uma oficina e elas acharam legal. Chama de novo para a oficina...

Entrevistado: Tem uma oficina que é de Roblox. Eu peguei um jogo bobinho, nada.. , coisa simples. Não ensinei nada sobre a programação do jogo. eu botei ali e elas fizeram. As crianças vêm aqui nesse tipo de oficina mais pra poder ter a oportunidade de jogar o roblox do que aprender. Mas.. você tem que aprender isso aqui antes de jogar, tá bom? Ta bom. Aí a gente entra num acordo comum. Aí elas aprendem primeiro, a gente faz a oficina primeiro e depois a gente deixa elas ali para elas brincarem.

Entrevistadora: E qual é a faixa etária dos alunos que você ensina. Geralmente crianças, né?

Entrevistadx: Não. Não tem uma faixa etária exata. A faixa etária não é exata né (risos). Não tem... como vou falar... é de tanto a tanto pra isso... e pra outro curso é de tanto a tanto... , porque nessa questão do Roblox, é mais criança mesmo. De 6 a 10 anos mais ou menos, entendeu? E pros cursos de informática seria de 15 a 60 anos, por exemplo.

Entrevistadora: Aí eles vêm no curso de Roblox com 60 anos.

Entrevistadx: Isso. Pro de informática sim.

Entrevistadora: Ah, para o de informática básica.

Entrevistadx: Isso.

Entrevistadora: Ah, entendi.

Entrevistadx: Ontem entrou uma senhora de 64 anos na turma de informática básica.

Entrevistadora: A minha avó também. Depois de 60 e poucos anos ela fez um curso de informática. Comprou um computador

Entrevistadx: E foi o filho dela que trouxe. O filho dela tem 40 e pouco e ele trouxe a mãe dele pra fazer o curso também.

Entrevistadora: A minha avó. Isso foi muito legal. Você me fez ter uma memória muito bonita assim.. porque a minha avó, eu acho que ela não tinha nem o primário, o ensino fundamental completo não. Ela deve ter ido até a quinta série só, sexta série no máximo. E em um momento da vida dela ela cismou que queria aprender informática. E ela foi, comprou um computador. E aí eu lembro que ela ficou muito chateada porque ela não tinha pen drive. Porque compraram o computador, mas eu não sei se tinha o pen drive e alguém pegou.. sei lá.. família, criança perto, não sei o que... ou ela achou que vinha com pen drive, mas não veio. Aí tem um episódio na família em que ela fala “cadê meus pen drives?”, só que ela falou “ten drives” (risos). Era uma senhorinha que mandava email pra mim. De repente se eu procurar eu tenho os emails que a minha avó mandava pra mim, sabe? Ela aprendeu a mandar email... muito legal, né? Isso renova muito a vida da pessoa. em todos os aspectos aprender informática né? Pra mim também. Eu não sou uma senhorinha, mas se fosse antigamente, uma pessoa de 40 anos seria uma senhorinha. Eu voltei a estudar também, a fazer o mestrado, eu já tinha 38 anos. E mudei de área.

Entrevistadx: Inclusive essa história que você contou da sua avó me lembrou da primeira atividade que eu fiz aqui na nave. Eu fiz uma atividade externa que se chama “Nave nas Escolas”. A gente levava os equipamentos da Nave para uma escola que dava aula pra adulto. Pra gente apresentar os cursos que a gente tinha na Nave. E teve uma senhora lá que ela disse que era a primeira vez que ela tava estudando na vida, porque o marido dela falou que ela nunca ia estudar. Aí o marido faleceu, e ela conseguiu fazer o estudo e era a primeira vez que ela estava mexendo em um computador. E foi uma atividade de 1 dia só. Ela infelizmente não veio para o curso porque ela não tinha condições. Ela trabalhava durante o dia e estudava a noite. Essa questão também do pessoal trabalhar durante o dia implica na adesão das pessoas. Tem muitas pessoas que chegam do trabalho cansadas e

“Cara, eu vou pra lá pra estudar, fazer um curso que pode não me dar nada?”. Esse é um dos pensamentos que eu ouvi algumas pessoas falando, entendeu?

Entrevistadora: X professorx [suprimido] também disse isso, né. Que as pessoas perguntam “O que isso vai trazer pra minha vida?”. Eu acho que é uma boa pergunta. Eu não sei o que você pensa, mas eu acho que é uma boa pergunta. A intenção dela talvez não seja a intenção que a gente gostaria. A nossa expectativa sobre. porque a gente prepara as coisas com carinho. Vocês preparam as coisas com carinho, no caso, porque vocês que são os professores. Mas eu acho que é uma boa pergunta você perguntar o que aquilo vai trazer de bom pra sua vida. Só que - tem uma outra parte que eu estou começando a perceber - é que - vê o que você pensa sobre isso - às vezes eu fico vendo assim que as pessoas na Nave do Conhecimento e em outros lugares em que a gente precisa mais estudar para conseguir um emprego - elas não conseguem entender que outros aprendizados ... sei lá.. fazer arte com dados, fazer uma oficina de yoga, sei lá... vai influenciar na vida delas também de trabalho, porque vai aumentar a cultura, né... fazer uma aula de violão..., vai aumentar a cultura, vai trazer um frescor, vai fazer a pessoa ficar mais relaxada ... vai dar condições às vezes da pessoa se expressar melhor... , ou soltar os seus sentimentos. Eu acho que falta essa compreensão porque eu acho que a vida acaba que - no capitalismo né - fica muito imediatista. A pessoa precisa arrumar um emprego porque, óbvio, ela precisa se alimentar. E aí ela não tem tempo pra pensar nas coisas que são legais, nas coisas que são bonitas da vida e que você pode aproveitar também. Que também vão servir pra te ajudar no futuro né. Porque ah... agora estou estudando e uma coisa que eu aprendi no teatro lá atrás ... aparentemente não tem nada a ver, mas com o tempo as coisas vão se agregando né.

Entrevistadx: no caso eu tento usar tudo o que eu conheço nas aulas. Até para deixar as aulas mais leves também. Mas uma dificuldade que a gente tem aqui é a questão de gerar curso todo mês. Essa é uma dificuldade que a gente tem mesmo, porque a Secretaria de Ciência e Tecnologia cobra isso da gente.

Entrevistadora: vocês têm sempre que ter cursos diferentes.

Entrevistadx: Isso. Exato. Entendeu? Não pode cair numa repetição. Se a gente não tivesse essa obrigação de gerar curso todo mês, seria mais tranquilo pra gente buscar assim outras coisas pessoalmente. Até mesmo fazer um curso dentro da Nave, pra gente.

Entrevistadora: Pra vocês poderem se reciclar, se especializar mais... você acha isso?

Entrevistadx: É... em parte sim. No caso, a questão da reciclagem, eu estou querendo reciclar o curso de informática básica que eu dou. Remontar ele e colocar mais aulas. Colocar mais coisas detalhadas, porque o curso que a gente tem atualmente é de 5 dias. Em cinco dias a gente tem que correr com as coisas e muitas vezes os alunos dizem “Ah! Eu posso fazer de novo se eu não entender?” - “Pode”.

Entrevistadora: É bem pouco 5 dias.

Entrevistadx: A gente pode montar os cursos. Alguns cursos a gente tem que correr, porque não tem muita aula. Porque atualmente já existe um curso pronto.

Entrevistadora: É bom porque eles também não têm tempo de desistir, né. É tão rápido também.

Entrevistadx: É verdade.

Entrevistadora: Me parece uma boa estratégia fazer cursos curtos, do que fazer um curso grande que vai começar com a turma cheia e depois as pessoas vão abandonar.

Entrevistadx: Sim

Entrevistadora: ou assim, “fiz o curso? Gostaram? Agora vamos fazer o II então”.

Entrevistadx: É. Fazer o curso por módulos no caso, né.

Entrevistadora: E aí os módulos... assim... é uma boa ideia a gente estar conversando sobre isso, porque aparentemente a pergunta não tinha nada a ver e a gente foi já para um outro caminho. Mas é uma coisa que eu gostaria de saber também. Porque se eu for criar alguma coisa no futuro, relacionada à literacia de dados, de repente criar módulos pequenos e independentes que a pessoa pode ir e fazer esse curso, mas para ir para o módulo II ela não precisa saber o módulo I. Ela pode chegar no módulo II sem nenhum conhecimento. Entendeu? E aí depois ela vai avançar. Ela vai saber mais coisas. Mas ela não precisa começar do I pra fazer o II. Ela pode começar no II e depois ir para o II ou voltar pro I. Ou não precisar voltar se ela não quiser ou se não puder. É... boa ideia.

Entrevistadora: Quais os tipos de atividades que você gostaria ou sente falta que haja na nave?

Entrevistadx: programação. Programação seria uma boa. Algum curso voltado para a manutenção de celular. Criação de aplicativo. Criação de aplicativo também seria uma boa ter.

Entrevistadora: Já sai dali e arruma um emprego né.

Entrevistadx: E assim, tem várias lojinhas aqui próximo que faz manutenção de celular.

Entrevistadora: Isso aí seria legal mesmo. Uma coisa diretamente aplicável. Ele vai sair dali pra trabalhar.

Entrevistadx: Isso. Exato.

Entrevistadora: A programação, ela vai preparar, mas eu digo que já é uma coisa mais a longo prazo.

Entrevistadx: isso

Entrevistadora: E fazer aplicativo é também uma coisa que é um pouco menos longo prazo que a programação, mas também é bem interessante. Dá pra ensinar.

Bom, acabou essa parte. Agora essa é a última parte da entrevista. São perguntas diretas. Você não precisa saber a resposta. Umas você vai saber, outras você vai dizer a partir do que você pensa. Não tem resposta certa ou errada. Eu estou só querendo saber o que você pensa sobre as coisas. São 6 perguntas só. Bem simples.

A primeira é pra você o que é dado?

Entrevistadx: Informação.

Entrevistadora: A segunda pergunta é o que é pra você informação? (risos)

Entrevistadx: (muitos risos) Informação é conhecimento sobre alguma coisa.

Entrevistadora: E dado?

Entrevistadx: Dado seria informação. Informação sobre alguma coisa determinada.

Entrevistadora: Pra você o que é literacia de dados? - É a área que eu estudo. Então eu quero saber o que você ...

Entrevistadx: Literacia de dados... eu vou pesquisar na internet! Pera aí... deixa eu pensar aqui...

Entrevistadora: Tá pesquisando?

Entrevistadx: Não. Não. Eu tô pensando. Eu tô só olhando pra fora... minhas mãos estão aqui ó [levantando as mãos].

Entrevistadora: Se eu falar pra você que a palavra literacia significa alfabetização, aí melhora?

Entrevistadx: É, eu tava pensando mais ou menos algo desse tipo, entendeu? Ensinar as pessoas a coletar dados, identificar dados, buscar dados, algo assim.

Entrevistadora: Que mais você acha que pode estar relacionado?

Entrevistadx: A pessoa identificar um dado e poder tirar alguma coisa, alguma estatística, algum tipo de comportamento daqueles dados que ela consegue adquirir.

Entrevistadora: Quais foram ou têm sido as atividades realizadas na nave do conhecimento de nova brásilia sobre dados? Ou que você reconhece que são sobre dados?

Entrevistadx: as atividades que você executou aqui.

Entrevistadora: E outras?

Entrevistadx: Bem.. acho que basicamente todas né. Se a gente for parar pra pensar. Cada curso que a gente dá tem determinado tipo de público. A gente poderia usar isso para coletar dados.

Entrevistadora: Mas atividades especificamente sobre literacia de dados

Entrevistadx: somente as atividades que você executou aqui mesmo.

Entrevistadora: Você acha que a oficina de excel tem a ver com literacia de dados?

Entrevistadx: sim quando ela é especificada para isso. Por exemplo, curso de excel básico, avançado .. básico intermediário não seria tratado dessa forma.

Entrevistadora: por que você acha que não? Estou te provocando, tá? Não é porque seja certo ou errado não. Eu só estou querendo saber o que você pensa mesmo.

Entrevistadx: Tá. Bem.. porque os cursos.. o pessoal que vem aqui fazer os cursos eles não vêm para buscar isso de trabalhar com dados. Eles querem aprender a fazer uma planilha para conseguir um trabalho. Ponto.

Entrevistadora: Mais para trabalhar a parte da organização da informação na planilha.

Entrevistadx: É... sim.

Entrevistadora: E talvez ali a análise né. Alguma coisa ... trabalhar essa informação.

Entrevistadx: Sim, mas as pessoas não fazem essa ação de forma consciente, entendeu? É... tem um problema ali e eu vou resolver o problema para eu ter um trabalho. É isso.

Entrevistadora: Você acha então que a consciência seria uma parte integrante da literacia de dados?

Entrevistadx: Sim. com certeza. Porque se a pessoa não sabe que ela está buscando dados, aquela informação ali não é nada. É só uma informação aleatória, digamos assim. Eu tenho lá uma planilha de compras e vendas e eu tenho que colocar aquilo organizado, pronto. A pessoa que tá fazendo essa planilha ela não sabe que tá coletando e organizando dados.

Entrevistadora: Você quer dizer que ela não está tendo uma análise crítica sobre a questão ali.

Entrevistadx: Não.

Entrevistadora: Ela está só reproduzindo o que está sendo pedido.

Entrevistadx: isso.

Entrevistadora: Como você pensa que os usuários da nave nova Brasília são afetados pela falta de conhecimento e visão crítica sobre dados?

Entrevistadx: Eu creio que eles são pouco afetados porque aqui eles não buscam esse tipo de conhecimento.

Entrevistadora: mas de repente nem na vida geral deles eles estão sendo afetados pela falta de conhecimento sobre dados?

Entrevistadx: Não. Não vejo dessa forma.

Entrevistadora: Quais ideias/sugestões/conselhos você poderia me dar com respeito à criação de oficinas para ensinar sobre literacia de dados?

Entrevistadx: meu conselho seria ser mais presente na Nave. Essa questão de coleta de dados, análise de dados... o quanto eles vão ver isso como uma coisa mais difícil pra eles fazerem Se eles não tiverem empatia pela pessoa que vai dar a oficina, eles não vão.

Entrevistadora: mesmo as crianças:

Entrevistadx: com as crianças você poderia fazer como se fosse brincadeira. No caso aqui sempre teria um professor da Nave né. Então, o professor faria essa ponte entre você e as crianças.

Entrevistadora: entendi. Eu também penso isso. De repente marcar vários workshops com uma periodicidade. Mas tem que ser legal, senão eles vão para a aula daquela professora que acha que o que ela faz é legal, mas não é (risos)

Entrevistadx: As suas oficinas são interessantes. Aquela atividade que você fez na colônia de férias de pintar lá o ... ah, eu tenho um cachorro vou pintar de azul... aquilo dali foi legal, eles gostaram. Você poderia repetir isso.

Entrevistadora: Eu estou tentando repetir. Eu enviei mensagem pra [suprimido] ainda hoje. Só que está difícil de marcar. Eu vou tentar marcar num sábado de repente.

Entrevistadx: É... sábado é o melhor dia, porque não tem nenhuma aula, todas as salas vão estar desocupadas. Não sei se pra você fica mais fácil escolher uma sala ou fazer uma atividade usando a nave inteira, por exemplo.

Entrevistadora: Eu remodelei ela. Eu fiz aquele papelzinho menor, coloquei um negocinho pra colar bonitinho. Eu acho que vai ficar legal. Eles vão gostar mais e acho que vai ficar muito mais bonitinho visualmente. Agora tem uma bolsa separada, que é uma bolsa só desses workshops. Mas eu tenho que preparar outras.